

SARAMINDA: a literatura e a construção do conhecimento histórico sobre o Contestado Franco-Brasileiro

SARAMINDA: the literature and the construction of historical knowledge about the french-brazilian border

SARAMINDA: la literatura y la construcción del conocimiento histórico sobre la frontera franco-brasileña

Gabriel Saldanha Lula de Medeiros

Licenciado em Geografia, pela UFRN, especialização em Metodologia do Ensino de Geografia.

Licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

E-mail: gabriellula96@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho trata a respeito do Contestado Franco-Brasileiro, discutindo desde o início da colonização europeia em território americano até as disputas entre Brasil e França pelas terras hoje compreendidas como parte do estado brasileiro do Amapá. Para isso, o artigo traz como recurso o romance histórico “Saraminda”, de José Sarney, cujo enredo se desenrola tendo como cenário o garimpo do rio Calçoene, no território do Contestado. O objetivo deste artigo está na recomendação da utilização dessa obra literária como um recurso didático alternativo e interdisciplinar em aulas do ensino médio nas disciplinas de literatura, história e geografia, tendo em vista a riqueza de detalhes históricos e geográficos, bem como o lirismo de sua escrita. Com isso, conteúdo da aula torna-se mais atrativo para os alunos, fugindo das didáticas tradicionais e trazendo para a sala de aula um novo instrumento para se discutir o conteúdo, com maior participação dos alunos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Palavras-Chave: Saraminda. Contestado Franco-Brasileiro. Literatura. História. Geografia.

ABSTRACT

The present work deals with the french-brazilian border, from the beginning of the European colonization in american territory until the disputes between Brazil and France for the lands today understood as part of the Brazilian state of Amapá. For this, the article brings as its resource the historical novel “Saraminda”, by José Sarney, whose story takes place in the setting of Calçoene river, in the Contestado territory. The aim of this paper is to defend the use of this literary work as an alternative and interdisciplinary didactic resource in high school classes in the disciplines of literature, history and geography, considering the richness of historical and geographical details, as well as the lyricism of its writing. With this, the content of the class can be made more attractive to students, moving away from traditional didactics and bringing to the classroom a new instrument to discuss the content, with greater student participation, making the teaching-learning process more efficient.

Keywords: Saraminda. French-brazilian border. Literature. History. Geography.

Resumen

El presente trabajo trata de la disputa en la frontera franco-brasileña, desde el comienzo de la colonización europea en territorio americano hasta las disputas entre Brasil y Francia por las tierras que hoy se entienden como parte del estado brasileño de Amapá. Para esto, el artículo trae como recurso la novela histórica "Saraminda", de José Sarney, cuya trama se desarrolla en el contexto del saneamiento del río Calçoene en territorio del Contestado. El objetivo de este trabajo es defender el uso de esta obra literaria como un recurso didáctico alternativo e interdisciplinario en las clases de secundaria en las disciplinas de literatura, historia y geografía, considerando la riqueza de los detalles históricos y geográficos, así como el lirismo de sus palabras. Con esto, el contenido de la clase se puede hacer más atractivo para los estudiantes, alejándose de la didáctica tradicional y trayendo al aula un nuevo instrumento para discutir el contenido, con una mayor participación de los estudiantes, haciendo el proceso de enseñanza-aprendizaje más efectivo.

Palabras Clave: Saraminda. Frontera franco-brasileña. Literatura. História. Geografia.

INTRODUÇÃO

Durante cerca de 200 anos, na fronteira do estado do Amapá com a Guiana Francesa, o Brasil enfrentou um de seus maiores entraves diplomáticos. A colonização portuguesa, concentrada inicialmente no litoral nordestino, e a espanhola, voltada a princípio para as riquezas encontradas no México e no Peru, deixaram a região amazônica esquecida, abrindo espaço para a exploração da região pelas potências excluídas do tratado de Tordesilhas, como França, Inglaterra e Holanda, dando origem a Guiana Francesa, a Guiana Holandesa e ao Suriname.

Com interesse no rio Amazonas e na busca por riquezas naturais na região, franceses fizeram inúmeras incursões em terras brasileiras, gerando momentos de tensão. Mesmo com o tratado de Utrecht, em 1713, que delimitou a fronteira do Brasil com a Guiana, os limites não foram respeitados, tendo em vista que a França estabeleceu até fortes na região brasileira do Amapá para proteger o seu território em virtude da Cabanagem, no Pará, nos anos de 1830, o que gerou tensão entre as duas potências. As disputas territoriais no norte do Brasil e o desrespeito aos tratados que delimitavam a fronteira entre os dois países fizeram com que

parte do Amapá, entre os rios Oiapoque e Araguari, fosse considerada um território neutro, não pertencendo a nenhum dos dois Estados, até que o impasse fosse decidido em uma arbitragem internacional. Até lá, entre tensões, tratados e tentativas de colonização, o interesse nas riquezas naturais desse território, denominado Contestado Franco-Brasileiro, despertou interesses de cidadãos comuns tanto da Guiana, quanto da França e do Brasil.

As viagens exploratórias de franceses em busca de conhecer as riquezas do Contestado desencadearam duas tentativas de criação de um Estado independente, a chamada “República do Cunani”, sendo essas duas tentativas frustradas e não reconhecidas pelos governos das duas potências em disputa. A situação, porém, piorou consideravelmente após a descoberta de enormes quantidades de ouro nas proximidades do rio Calçoene, levando gente do Brasil e da Guiana para o garimpo. As disputas políticas pelo território do Contestado Franco-Brasileiro marcaram de forma significativa as relações diplomáticas entre o Brasil e a França por longuíssimos anos.

A discussão acerca desse assunto, por vezes ignorado pela imprensa e pelos pesquisadores, e por isso pouco conhecido pela maioria da população brasileira, será realizada neste artigo tendo como recurso o romance histórico “Saraminda”, de José Sarney, ex-presidente da república, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Para tanto, recomenda-se o uso dessa obra como instrumento didático alternativo e interdisciplinar nas aulas de literatura, história e geografia do ensino médio, tendo em vista que, desde as últimas décadas do século XX, pesquisadores da área da educação buscam encontrar novas metodologias e instrumentos que possam auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de modo eficaz, visando superar o esfacelado modelo da educação tradicional, onde o livro didático é o principal recurso utilizado, quando não é o único.

O uso de recursos alternativos do cotidiano dos alunos, como livros, músicas, imagens, vídeos e até instrumentos tecnológicos pode deixar o conteúdo mais atrativo, proporcionando um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente. No caso da literatura, um dos principais objetos deste artigo, pode abrir espaço para a compreensão de conteúdos da história e da geografia, em caráter interdisciplinar.

METODOLOGIA

Este trabalho consiste, basicamente, em uma revisão bibliográfica acerca da questão do Amapá, envolvendo o território do Contestado Franco-Brasileiro, além de uma análise da obra Saraminda, de José Sarney, a fim de recomendar que o referido romance histórico pode ser utilizado como um recurso didático em sala de aula, como uma linguagem alternativa, de forma interdisciplinar entre a literatura, a história e a geografia. Para tanto, o referencial teórico foi construído levando em conta textos avaliados por pares, tanto em eventos quanto em periódicos científicos indexados, e também trabalhos de conclusão de curso. São utilizados autores como o historiador Dr. Carlo Romani, a pesquisadora francesa Dra. Stéphane Granger e o escritor alemão Wolfgang Baldus.

O CONTESTADO FRANCO-BRASILEIRO

A região do Contestado Franco-Brasileiro, entre os rios Oiapoque e Araguari, na região hoje compreendida pelo estado brasileiro do Amapá, fronteira entre Brasil e Guiana Francesa, foi palco de disputas políticas entre os governos brasileiro (inicialmente a coroa portuguesa) e francês. Para compreender a raiz deste problema, é necessário revisitar a história das grandes navegações e da colonização ibérica na América do Sul.

Em virtude das expedições portuguesas e espanholas em busca de novas rotas para as índias, além da colonização portuguesa em terras africanas e também da viagem de Colombo financiada pela Espanha, que acabou por descobrir a América, o papa espanhol Alexandre VI concedeu as novas terras a serem descobertas aos dois países ibéricos por meio de duas bulas papais, de 03 e 04 de maio de 1493, que obrigava os reis dos dois países e converter os habitantes do novo mundo ao catolicismo. A divisão era a seguinte: uma linha seria traçada de polo a polo a 100 léguas de distância de Cabo Verde em direção ao novo mundo. As terras ao ocidente seriam da Espanha, já as terras ao oriente, seriam de Portugal. Dom João, rei português, achando que a Espanha havia sido favorecida pelo papa espanhol, conseguiu o firmamento de um novo acordo em 1494: o tratado de Tordesilhas, agora, modificava a distância de 100 para 370 léguas (TANZI, 1976).

A região do Amapá, de início, foi esquecida tanto por portugueses quanto por espanhóis. Os primeiros concentraram-se no litoral do nordeste, efetivando uma política de colonização somente após 1530. Já os segundos, detiveram maior interesse nas riquezas do México e do Peru. Segundo Granger (2012), as demais potências europeias excluídas do tratado de Tordesilhas, como Inglaterra, Holanda e França, investiram em viagens exploratórias à porção da América “esquecida” pelos primeiros. É nesse contexto que surgem as guianas: Guiana Inglesa, Suriname (Guiana Holandesa) e Guiana Francesa. Até o Amapá, inicialmente, ficou também conhecido como Guiana Brasileira.

Com a constante presença de franceses e suas instalações em virtude das viagens exploratórias, desde 1503, e também por causa das inúmeras tentativas de ocupação, a colonização francesa na Guiana foi reconhecida já no início do século XVII e Caiena, a capital, foi fundada em 1637. Esses eventos ocorreram durante a parte da história brasileira que ficou conhecida como “união das coroas ibéricas”, onde o rei de Portugal, Dom Sebastião, falecido em 1578, não tinha herdeiros diretos para assumir o trono, assumindo, então, o rei da Espanha, Filipe II, após alegar haver parentesco com o falecido monarca lusitano. Este período é compreendido entre 1580 e 1640.

De acordo com Oliveira (2008), com a união das coroas, os portugueses vivendo em terras brasileiras não se importaram em circular livremente por territórios que antes, devido ao tratado de Tordesilhas, eram de domínio espanhol, sendo esse o caso do Amapá. Brasileiros, portugueses e as potências europeias que não foram incluídas no tratado agora passavam a ter especial interesse na região norte do Brasil, uma vez que alimentavam a expectativa da busca por riquezas na região da floresta amazônica, como ouro e outras riquezas naturais.

Os conflitos com os franceses naquela região foram muitos. Um dos mais emblemáticos foi a tentativa de colonização no litoral dos estados do Pará e do Maranhão, conhecida como França Equinocial. Franceses se estabeleceram na região em novembro de 1614, tendo sido expulsos pelos portugueses em novembro do ano seguinte, num episódio que ficou conhecido como a Batalha de Guaxenduba (MARTINS, 2008). Em 1697, outro episódio marcante: tropas vindas de Caiena desembarcaram ao sul de Macapá, numa investida para alcançar o rio Amazonas. Em 31 de maio, os franceses tomaram a cidade e o forte de Santo Antônio do Macapá, mas, tropas vindas de Belém algumas semanas mais tarde deram vitória aos lusitanos, expulsando os franceses mais uma vez. Daí em diante, nenhuma outra investida

francesa conseguiu alcançar a foz do rio Amazonas (ROMANI, 2011).

Com vários momentos de tensão ao longo dos anos, somente em 1713, o tratado de Utrecht definiu os limites territoriais entre Brasil e Guiana Francesa. Porém, nos anos que se seguiram, esses limites não foram respeitados, principalmente por parte dos franceses. Em 1840, por exemplo, por causa da revolta conhecida como Cabanagem, no estado do Pará, os franceses construíram um forte a direta do rio Oiapoque, que era território brasileiro. Foi quando, por reação, Dom Pedro II ordenou a construção de uma colônia militar na margem do rio Araguari, que a França reclamava como seu território. Por intermédio da Inglaterra, os governos de Brasil e França desativaram as suas bases na região e aquela área foi neutralizada. A partir de então, a área entre os rios Oiapoque e Araguari, no Amapá, ficou desmilitarizada, neutra, sem pertencer oficialmente a nenhum dos dois países, tornando-se conhecida como “Contestado Franco-Brasileiro”, constituído por várias aldeias (ALVES, 2015), onde nenhum dos dois países poderia fomentar políticas de povoamento, de colonização. A administração do território era realizada por duas pessoas, uma indicada por cada governo, sendo que o representante francês ficava em Caiena, e o brasileiro em Belém do Pará.

De acordo com Romani (2011), as terras do Contestado serviram de refúgio para escravos fugitivos e pessoas vindas da revolta da Cabanagem no Pará, entre 1835 e 1840. Tornou-se um território seguro, livre da ação do Estado, possibilitando que essas pessoas pudessem viver como populações ribeirinhas, existindo até comunidades quilombolas consolidadas. A partir de 1848, com a abolição da escravidão na França, o contestado tornou-se destino de escravos livres e posteriormente também de condenados, pois em 1852, a França passou a enviar para a Guiana condenados a trabalhos forçados, construindo penitenciárias ao sul da colônia. Ondas de presos fugitivos iam em direção a zona neutra entre os territórios brasileiro e francês. Mesmo sem haver políticas de ocupação por parte de qualquer governo, a região do contestado era composta basicamente por uma heterogeneidade de refugiados: desde escravos, condenados, agricultores até funcionários públicos e um médico.

Desde 1840, a região não enfrentava maiores problemas envolvendo as duas potências que lhe disputavam, até a década de 1880, quando expedições exploratórias de franceses, sob o pretexto de realizarem pesquisas científicas, começaram a buscar riquezas naturais para explorar, motivadas especialmente pelos boatos de que ouro havia sido descoberto.

Em 1883, um professor, escritor e explorador francês de Caiena chamado Henri Coudreau conseguiu financiamento do governo para uma viagem exploratória ao Contestado, fato que gerou polêmica e insatisfação da parte do governo brasileiro, provocando reações diplomáticas.

Em 1885, um engenheiro francês chamado Jean Guigues vai à Guiana e, posteriormente ao Contestado buscando explorar recursos como fosfato, madeira e minérios. De acordo com Baldus (2019), naquele tempo, com as notícias de descoberta de ouro, brasileiros e franceses buscaram firmar suas posições na região. No caso do Brasil, este apoiou uma rebelião contra Trajano Benítez, um negro chefe da aldeia do Cunani, que simpatizava com os franceses (que já haviam abolido a escravidão desde 1848, enquanto o Brasil, não). Este é convencido por Guigues de que, diante daquela situação de tensão e conflito, o mais interessante seria a criação de um Estado soberano, independente de Brasil e França. Benítez mandou, então, uma carta ao governador de Caiena pedindo permissão para a criação de um novo governo no Contestado. Enquanto isso, buscando financiamento europeu em Paris para a criação e desenvolvimento do novo Estado, Guigues convence o geógrafo francês Jules Gros a ser o presidente do novo governo. Aceito o convite, uma carta assinada por Gros e Benítez foi veiculada em Caiena e Paris como a declaração de independência do Contestado (ROMANI, 2011), tendo a aldeia do Cunani como sede. Foi declarada a República do Cunani Independente.

As reações diplomáticas tanto na França quanto no Brasil foram rápidas. Os dois países negaram qualquer participação na criação da nova república, embora ambos não levassem tão a sério o acontecimento. Segundo Baldus (2019), quando o governo francês tomou conhecimento do desenrolar dos eventos, tratou de publicar no Diário Oficial (Journal Officiel), de 11 de setembro de 1887, que a existência da República do Cunani seria uma violação aos direitos da França e do Brasil.

O novo governo, fundado em 1886 por Jean Guigues e Jules Gros, encarou o seu fim definitivo em 1888. Os dois franceses buscavam apoio do capital europeu para construção de empreendimentos na região do Contestado, agora sob a suposta soberania de um governo independente. Jules Gros havia concedido a um grupo britânico que visava explorar as riquezas naturais do local o direito de usufruir de infraestruturas presentes e futuras como pontes, portos, trilhos e faróis, por 99 anos, com isenção de impostos. Depois, os empresários descobriram que a República do Cunani não era reconhecida pela França e pelo Brasil como um território

independente, e Jules Gros não tinha interesse em deixar Paris para governar o Cunani como sendo o seu presidente, além de não encontrar a quantidade de riquezas que esperava. Este foi o fim da breve “república”.

O autor relata que, após o fracasso na construção de um novo Estado, o Contestado passou a ser administrado por um conselho geral formado por civis (além dos dois representantes brasileiro e francês), onde Trajano Benítez continuava como presidente/chefe, sendo substituído em 1892 pelo soldado francês Adolphe Brézet, da guarda de Caiena, que foi nomeado para o posto. Este tentou, assim como Gros poucos anos antes, criar uma segunda república independente, chegando inclusive a emitir selos. A experiência, no entanto, foi efêmera: após ser denunciado ao governo brasileiro, autoridades do Pará mandaram soldados rumo ao Contestado para prender os participantes do movimento. Mas todas essas tensões que tiveram o Contestado Franco-Brasileiro como palco não significariam muito perto do que estava para acontecer em seguida: a descoberta de grandes quantidades de ouro nas proximidades do rio Calçoene, cenário principal da obra “Saraminda” que será discutida mais adiante.

Como nos contam Sarney e Costa (2004), o ouro no Calçoene foi descoberto em 1894 por uma dupla de brasileiros paraenses chamados Germano e Firmino, e por um homem de origem africana chamado Clément Tamba, provavelmente um escravo livre que rumou ao Contestado após a abolição da escravidão pela França em 1848. Clément Tamba, aliás, é um dos personagens principais do romance de José Sarney.

De acordo com os autores, a produção de ouro era exportada pela Guiana e era contada como uma produção guianense. Naquele ano de 1894, a produção de ouro alcançou cinco toneladas, quando, vinte anos antes, era de apenas 1.500 quilos por ano.

O Calçoene passou a ser chamado de “Eldorado Brasileiro”, em alusão a lenda indígena do tempo da colonização ibérica, que dizia existir em algum lugar do novo mundo uma cidade toda feita de ouro maciço. O Contestado era mais próximo de Caiena do que do Pará, o que fez com que a população francesa no local explodisse. O maior número de franceses fez logo com que estes quisessem marcar sua posição no lugar, tanto que o representante francês na administração do Contestado, Eugene Voissien, proibiu o acesso de brasileiros as minas do Calçoene, como relata Oliveira (2008). Os brasileiros pediram para que o representante francês fosse retirado do cargo e o Contestado passou a ser administrado por uma junta governativa, o Triunvirato, restabelecendo a neutralidade no território.

Mas os problemas não pararam por aí: o novo representante francês na junta governativa, o já conhecido Trajano Benítez, recusou-se a obedecer às ordens brasileiras, não hasteando mais a bandeira do Brasil no Contestado, somente a da França. O presidente do Triunvirato, o brasileiro Veiga Cabral, conhecido como Cabralzinho, em reação, manda tropas ao Cunani para prender o representante francês. Já o governador de Caiena, Charvein, quando soube da prisão de Benítez, mandou tropas com 150 homens em direção ao Contestado, ordenando a libertação do novo representante francês e a condução de Veiga Cabral até Caiena. Quando os soldados de Caiena desembarcaram no Amapá, encontraram resistência de uma milícia armada de Veiga Cabral, que venceram as tropas francesas. Devido ao insucesso da operação, os soldados franceses realizaram uma chacina na Vila do Espírito Santo do Amapá, matando 38 pessoas, incluindo mulheres, idosos e crianças.

Ainda de acordo com Oliveira (2008), o governador de Caiena, Charvein, ameaçou fuzilar brasileiros caso Veiga Cabral não se entregasse. Após a repercussão internacional do massacre de brasileiros no Amapá, o governo francês decidiu afastar o governador Charvein do cargo, acordando com o governo brasileiro uma arbitragem internacional para decidir a quem pertenciam as terras do Contestado.

Em abril de 1897, os governos brasileiro e francês indicaram o rei da Suíça como árbitro. Representantes dos dois Estados apresentaram suas defesas, sendo o Brasil representado pelo Barão do Rio Branco e a França pelo geógrafo Vidal de La Blache (considerado um dos responsáveis pela cientificação da geografia no século XIX, sendo autor da teoria do possibilismo geográfico, tendo influenciado não só a geografia francesa como a brasileira, na década de 1930).

Em 01 de dezembro de 1900, o rei da Suíça, no Conselho de Sentença, em Berna, deu causa ganha para o Brasil, acolhendo os argumentos do Barão do Rio Branco, embasado no tratado de Utrecht, de 1713, que delimitava os territórios do Brasil e da Guiana Francesa. Deu-se fim, então, a um impasse que perdurou por quase 200 anos, entre várias tensões, tratados e tentativas de instalação de governos independentes.

A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO INTERDISCIPLINAR

A obra que inspirou a escrita deste artigo e que será descrita na próxima seção consiste em um romance histórico do ex-presidente da república José Sarney, lançada pela primeira vez em 2000. O enredo é histórico e geograficamente situado nos anos finais do século XIX, no garimpo do Calçoene, território do Contestado Franco-Brasileiro, durante a descoberta do ouro e as disputas políticas entre Brasil e França pelas terras que hoje constituem o estado brasileiro do Amapá.

A história tradicional, conhecida também como escola metódica, construía uma narrativa linear da história, de cima para baixo, ou seja, os acontecimentos históricos eram narrados apenas levando em conta as ações dos grandes homens, dos poderosos, dos dominantes, não levando em consideração na análise histórica os contextos mais amplos onde aqueles eventos estavam inseridos, como o contexto social, cultural. O filósofo húngaro György Lukács (2011) defende no livro “O Romance Histórico” que este gênero literário quebra o monopólio da história tradicional e da sua narrativa pautada nas ações dos poderosos, como se o curso da história obedecesse apenas à vontade destes e ignorando os contextos sociais de forma mais profunda, ao colocar sujeitos comuns como personagens principais de seus enredos, em especial as classes populares. Essa compreensão ajuda o leitor a encarar o desenrolar dos eventos históricos de uma forma não linear, não levando em conta somente relações causais simples, além de inserir sujeitos comuns nos contextos dos grandes acontecimentos, observando as influências que estes contextos podem exercer na vida das pessoas.

A literatura pode, portanto, ser um excelente instrumento a ser utilizado em sala de aula, não somente nas aulas da própria literatura ou de língua portuguesa, mas também como ferramenta auxiliar para as disciplinas de história e geografia, ao passo que podem ser consideradas linguagens alternativas. Esta metodologia pode ser útil principalmente por tornar os conteúdos das aulas de história e geografia mais atrativos aos discentes, fugindo do modelo didático tradicional, onde os professores são meros transmissores do conhecimento e os alunos são seus receptores, e a lousa e o livro didático constituem os principais instrumentos do processo de ensino-aprendizagem. Além de trabalhar na perspectiva interdisciplinar, essas linguagens alternativas nada mais são do que os instrumentos utilizados no cotidiano dos alunos e que podem ser utilizados também em sala de aula, como livros, músicas, filmes, imagens e

instrumentos tecnológicos, como defende Sacramento (2012).

No caso da literatura, que é um dos focos deste artigo, em seus diversos gêneros, pode auxiliar na compreensão do conteúdo trabalhado pelas disciplinas de história e geografia em sala de aula, ressaltando a interdisciplinaridade e a complexidade na abordagem de seus objetos de estudo. As poesias, por exemplo, podem retratar paisagens de uma época, de uma cidade, auxiliando na compreensão do conceito de paisagem ou no estudo sobre determinada região, território, espaço geográfico. Romances contextualizados em épocas diferentes e em eventos do passado trazem, sem dúvida, maior interesse e fomentam maior capacidade de compreender a história e o seu objeto, bem como podem trazer aspectos culturais, sociais e econômicos da sociedade retratada.

Romances históricos são comuns no Brasil, alguns deles até trabalhados nas escolas por professores de literatura, como é o caso da obra “Iracema”, de José de Alencar, contextualizada na colonização da América pelos europeus, mais especificamente no estado brasileiro do Ceará. Outro bom exemplo pode ser a trilogia “O Tempo e o Vento”, de Erico Veríssimo, que conta a história do Rio Grande do Sul a partir da história de duas famílias, a Cambará e a Amaral, envolvendo no enredo fatos nacionais, como a queda do presidente Getúlio Vargas.

Saraminda, o romance histórico a ser tratado a seguir, traz informações acerca dos contextos histórico, social e político, e, além do mais, pode auxiliar o leitor na compreensão da paisagem não só da Caiena do século XIX como também do garimpo do Calçoene e do próprio Contestado, constituindo um excelente recurso a ser utilizado, tornando a aula mais atrativa e a aprendizagem construída a partir de recursos mais dinâmicos e alternativos.

SARAMINDA

José Sarney, autor do livro que será discutido, é um conhecido político brasileiro que já foi desde governador do estado do Maranhão até presidente do Senado Federal e presidente da República. O que muita gente não sabe é que Sarney também tem uma longa carreira na literatura, tendo se tornado membro da Academia Maranhense de Letras em 1952 com apenas 22 anos e, posteriormente, em 1980, ingressou na Academia Brasileira de Letras após o lançamento do seu livro de poesias mais conhecido, “Os Marimbondos de Fogo” (1978).

Escreveu também livros de crônicas, de história e de geopolítica, como é o caso de “Mercosul, o perigo está chegando” (1997), “Amapá, a terra onde o Brasil começa” (1998) e “Maranhão - sonhos e realidades” (2010).

As obras de José Sarney, em geral, têm forte cunho histórico e geográfico, mesmo quando são romances, como é o caso de “O Dono do Mar” (1995). O Dono do Mar conta a história de um pescador chamado Antão Cristório e se passa no cenário do Golfão Maranhense, com o autor descrevendo as praias, as ilhas e os atóis por onde passava o protagonista em busca de sua amada Maria Quertide, que fora levada por criaturas mágicas e transformada em uma espécie de entidade. A última edição desta obra, publicada pela editora Leya em 2014, trás na orelha uma coluna que Darcy Ribeiro publicou no jornal o Globo, de 10 de setembro de 1996, onde disse: “Não imaginava José Sarney um romancista poderoso. E é. Entra no livro nadando de braçadas, dono das águas, dos ares e dos mares do Maranhão. Dá voz e alma aos pescadores das ilhas e das praias de São Luís com sabedoria e volúpia exemplares”. Em 2006, O Dono do Mar foi adaptado para longa-metragem sob direção de Odorico Mendes.

Por sua vez, “Saraminda” (2000) também foi um romance bem avaliado pela crítica. O livro conta uma história de amor e sedução no garimpo do Contestado Franco-Brasileiro, entre o Amapá e a Guiana Francesa, na virada do século XIX para o século XX, enriquecendo a obra com detalhes históricos e geopolíticos da época. São quatro personagens principais: Cleto Bonfim (chefe do garimpo), Clemént Tamba (garimpeiro de Caiena e amigo de Bonfim), Saraminda (prostituta de 15 anos comprada por Bonfim em um cabaré de Caiena) e Jacques Kemper (um francês por quem Saraminda se apaixona e desperta o ciúme de seu dono/marido). O enredo se desenrola a partir da conversa entre o fantasma de Cleto Bonfim e seu amigo Clemént Tamba, ainda vivo e com mais de 100 anos de idade. O fantasma se mantinha preso ao passado que viveu com Saraminda, ora por amor ora por ciúme.

Antes da descoberta do garimpo do Contestado, ainda no século XIX, o livro descreve Caiena como uma cidade triste, abandonada, que havia perdido a importância e a movimentação de outrora quando os franceses chegavam aos montes para trabalhar na extração do ouro. Com o declínio dessa atividade, a maioria esmagadora foi embora de volta para a Europa, deixando na Guiana apenas os negros que trouxeram como escravos e que se misturaram com a população indígena, originando o povo chamado de “*créole*” (crioulo), que são negros de pele marrom e com um francês diferente do falado na França, às vezes com muita

dificuldade na compreensão entre eles. A respeito da composição social guianense, o livro também descreve o país como destino de criminosos franceses que recebiam como condenação a ida para os presídios daquelas terras no outro lado do Atlântico.

Caiena é triste. Uma brisa leve, quase imperceptível sopra na boca do Canal Laussat. Silenciosos adormecem os edifícios símbolos do poder da metrópole francesa: a Alfândega e o Palácio dos Governadores. Em frente, no meio da praça, uma fonte de ferro, vinda de Paris, aberta como uma flor minando águas, lembra Tardy de Montravel, que canalizou as nascentes do lago Rorota. E junto ao mar, ao lado da ponta das amendoeiras, o presídio sopra no silêncio um murmúrio negro, que vem dos cárceres, sons de sofrimento e morte. [...] A cidade, pequena e abandonada, tem casas de tábuas cobertas de palha, madeira e zinco. Tudo cheira a decadência. As histórias que se contam são de condenados ou assombrações nas matas, onde os pretos vão buscar alimento. Vivem do extrativismo e das poucas indústrias dos alambiques de rum. [...] A noite não consegue esconder o desmoronar da vida. O ouro desapareceu. E a Guiana, que era só o ouro desde a sua descoberta, em 1854? [...] A Guiana vegeta na miséria da canela e dos paus-de-tinta (SARNEY, 2014, p. 05-06).

Após descrever Caiena, o narrador conta que Clément Tamba recebeu a visita de um brasileiro chamado Firmino, que havia descoberto novos garimpos na região do Contestado, próximo ao rio Calçoene. Firmino convence Clément a ir com ele em busca do ouro e, chegando lá, encontram o brasileiro Cleto Bonfim como dono do garimpo. Bonfim aceita os dois homens para trabalharem com ele, mas Firmino morre poucos dias depois. Os outros dois viram amigos e a notícia do ouro no Calçoene atrai gente tanto da Guiana quanto do Brasil, estabelecendo no lugar várias vilas e comércio. “No Contestado do Brasil, imensa floresta entre os rios Oiapoque e Araguari, na área do Calçoene, os franceses crioules logo fundaram sua vila, a corrutela do Limão, onde Saraminda quis morar” (SARNEY, 2014, p. 84).

O ouro de Bonfim e de Clément era depositado em Caiena. Em uma das viagens para lá, foram a um cabaré onde haveria um leilão de mulheres. Cleto Bonfim sempre gostava de levar mulheres para o garimpo e já havia engravidado oito delas. Era homem bruto, sem instrução, machista, que dizia nunca ter se apaixonado e tratava suas “conquistas” como um troféu. Mas, no dia do leilão, uma das moças a ser leiloada subiu no palco e, antes dos lances começarem, disse alto: “Sou de Cleto Bonfim”. A moça era Saraminda, de 15 anos, e é descrita como uma linda mulher: negra crioula, de olhos verdes e corpo torneado. Bonfim, vaidoso, ofereceu 10 quilos de ouro para levá-la, e levou! Ao chegarem à casa do dono do garimpo em Caiena, trocaram carícias, ela despida, e ele enfeitiçado pela beleza da jovem. Mas, antes de concretizar o ato, Saraminda se nega a fazer qualquer coisa sem antes receber o pagamento. A brutalidade usual de seu parceiro não lhe amedrontou. Ela queria os 10 quilos de ouro. A firmeza

da moça e a forma como ela se dirigiu ao magnata do garimpo desde o leilão o deixaram atraído por ela. Em sua vida, sempre fora acostumado a tratar as mulheres como puro objeto, sem vontades próprias. Agora, pela primeira vez, foi diferente. Além do mais, Saraminda disse que nunca tinha tido qualquer homem na vida, ele seria o primeiro.

No dia seguinte, Bonfim vai até a empresa onde depositava o ouro e descobre que tudo já havia sido mandado para Paris. Desesperado e morrendo de desejo por Saraminda, consegue um certificado da empresa que valia a quantidade de 10 quilos de ouro, podendo a quantia ser sacada posteriormente. Entrega tudo nas mãos de Saraminda, que guarda na casa de sua avó e parte para o garimpo com o seu “dono”.

Assim como fazia com todas as mulheres “compradas” em Caiena, Bonfim as levava para o garimpo e, depois de alguns dias, as mandava embora de volta. Mas com Saraminda foi diferente. Em um trecho do livro narrado pela própria personagem, ela conta que antes do leilão já sabia que Bonfim estaria lá e que ele era um homem rico do ouro, e que, ao contrário do que havia dito, já tinha sido de outros sete homens. Ela diz que seduzia Bonfim apenas com a intenção de tentar ganhar mais ouro, pois em Caiena ganhava somente 5 francos de cada cliente. Mas as coisas não saíram bem como ela imaginava: sua sedução acabou fazendo Cleto Bonfim se apaixonar perdidamente e Saraminda foi arranjando formas de tentar ser mandada de volta para Caiena: pediu para construir uma casa no alto de uma montanha, pediu cachorros (tinha mais de uma dezena deles), pediu inclusive o maior cachorro do mundo, um Leão da Rodésia, que veio da Bélgica, pediu também um cabriolé (carro levado por cavalos ou por serventes) que veio de Paris, pediu um macaco, e a cada dia pedia alguma coisa diferente. Bonfim, apaixonado, sempre cumpria todos os seus desejos e Saraminda se viu numa “prisão”. Estava presa ao garimpo do Calçoene e a Bonfim, como disse no livro, uma “prisão sem paredes e sem grades”. Para tentar destruir o amor de Bonfim, Saraminda começou a andar nua dentro de casa, com as portas e janelas abertas, para que todos a vissem. Como justificativa, ela dizia que isso era por causa do seu “sangue de índio”. Bonfim acreditava.

Saraminda seduziu vários homens do garimpo, incluindo Clemént Tamba, e outros homens de confiança de Bonfim. Quando eles iam a sua casa, Saraminda aparecia nua sem que seu dono/marido visse. Tomava banho completamente despida na cachoeira do garimpo e fez sua fama de sedutora se espalhar por toda a região. Mas o livro não deixa claro se ela chegou a ter alguma coisa concreta com algum desses homens, embora tenha beijado Clemént Tamba.

Esse é apenas um dos mistérios da obra.

Clemént, em diferentes trechos da obra, conversa com o espírito de Cleto Bonfim sobre os acontecimentos políticos que se sucederam no território ao longo dos anos, inclusive proclamação de uma nova república: a República do Cunani. Em uma passagem do livro, o personagem Clemént Tamba diz:

Foi aí que quisemos ficar com aquela terra, tomar da França e do Brasil. E o governador de Caiena fez um plano para expulsar os brasileiros. Coisa errada. Jules Gros – um aventureiro de muita cabeça e sonhador – me chamou para fundarmos uma república naquele mundão, fazer um novo país. A reunião foi marcada para a Vila do Cunani, na margem do rio Cunani. Julio era o tipo de político que tinha conversa de coisas grandes. Ele seria o Presidente da República do Cunani. E ali, no meio da floresta, com vinte casas, cinquenta homens, nós fundamos essa república. Mandamos fazer selos e cunhar moedas, criamos uma bandeira e comunicamos às nações o nosso ato. Até o presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, mandou ao Congresso Americano, em 1886, a notícia da nossa República do Cunani. [...] Mas nós não queríamos nada de política, queríamos era o ouro que nos levou às terras do Mapá, dos brasileiros. Por causa do ouro, deu vontade de tomar aquelas terras sem gente – os poucos que ali moravam morriam de catarro, malária e doenças da vida, engalicados (SARNEY, 2014, p. 95).

A partir de então, começaram todas as tensões que culminaram com o fim do garimpo do Calçoene. Os conflitos entre França e Brasil, com as violentas disputas territoriais afugentou muitos garimpeiros. Clemént Tamba foi um deles: por pressão de Veiga Cabral, desfez seu comércio que tinha na fachada uma bandeira da França hasteada, e voltou para Caiena, onde permaneceu até o dia de sua morte, com mais de 100 anos, durante uma conversa que mantinha com o espírito de Cleto Bonfim. Em alguns trechos do livro, os personagens chegam a relembrar as disputas travadas entre França e Brasil e a participação de Veiga Cabral (personagem histórico real, assim como Jules Gros). Em um diálogo, o espírito de Bonfim diz:

Sujeito elétrico esse Veiga Cabral. Baixinho, olho enviesado, magnético, raivoso, acuado, com aquele bigodão de pontas derramadas, parecia ter coração de terra. Só falava em pátria, em Brasil, e não tinha limites. Ele sempre repetiu sobre os franceses do Contestado: ‘Vou expulsá-los todos!’. ‘Cabralzinho, acalma’, eu ponderava. ‘Eles são nossos irmãos. Tem ouro para todo mundo’. Mas ele, colérico, insistia: ‘Quem eu não puder matar, vou capar’ (SARNEY, 2014, p. 99).

Clemént Tamba, então, respondeu ao seu amigo morto: “Foi ele quem levantou toda a região e depois tomou a república de Jules Gros. Editou leis, [...] escreveu manifestos, fez suas ordenanças e nomeou patentes”. Narrando sua volta para Caiena após os conflitos entre franceses e brasileiros pelo território do Contestado, Clemént Tamba prossegue:

Charvein, o governador, bem que quis que não nos expulsassem. Ele mandou soldados para ocupar terras, proteger os franceses e parar com a briga dos brasileiros. Mas ele não gostava dos cróles. Gostava dos franceses brancos. Deu tudo errado. Os brasileiros reagiram e botaram nossos soldados a correr. Quantos voltaram mortos? Ninguém sabe. As viúvas gritavam puxando os cabelos, insultando Charvein. [...] Todos se tornaram inimigos. Nossa vida mudou. Outrora era só ouro, agora era a maldita da política. [...] Eu passei a ver os brasileiros como um bando de malvados. Eles eram meus amigos e me viam como inimigo. O resto deles foi se transformando na minha cabeça até o dia que eu disse para mim mesmo: 'Vou embora, vou voltar para Caiena' (SARNEY, 2014, p. 100-101).

Nas primeiras páginas do livro, esses mesmos dois personagens mantêm um diálogo onde discutem o fim das questões políticas na região do Contestado. O espírito de Bonfim diz: "Clemént, acabo de saber que França perdeu estas terras que agora são do Brasil. Foi uma decisão da Suíça. Amanhã, só vai haver uma bandeira: a do Brasil" (SARNEY, 2014, p. 17).

Enquanto os conflitos políticos vão se desenrolando, Saraminda vai conquistando homem por homem no garimpo de Cleto Bonfim. Dona de uma beleza arrebatadora, ela que nunca amou o seu dono/marido, tinha prazer em seduzir os homens. Havia uma lenda entre os garimpeiros de que o ouro gostava de beber cachaça e gostava de sangue para aparecer em maior quantidade... O ouro gostava de desgraça. Todos os dias, os homens derrubavam litros de cachaça no solo do garimpo e, de vez em quando, um capataz fiel de Cleto Bonfim degolava algum garimpeiro durante a madrugada sem que ninguém soubesse. As degolas deram margem para fofocas de que esses homens teriam sido seduzidos por Saraminda e mortos por ela em algum tipo de feitiço, tamanha era a sua fama de mulher sedutora. No livro, o próprio Veiga Cabral questiona pela mulher de Cleto Bonfim, que era famosa a sua beleza.

Até que um dia, a empresa que comprava ouro de Cleto Bonfim quis lhe fazer um agrado e enviou, diretamente de Paris, um jovem representante francês com um presente para Saraminda: um vestido feito exclusivamente para ela. Ao chegar ao garimpo, o jovem Jacques Kemper vai até a casa de Bonfim entregar o presente. Saraminda, então, pela primeira vez, se apaixona por um homem. Foi amor à primeira vista. Kemper era louro de olhos azuis. Para o francês não ir embora, Saraminda inventou para Bonfim que ele poderia ser um espião francês no garimpo e mandou que o marido apaixonado o prendesse. Bonfim assim fez. Prendeu Kemper em uma cela no quintal de sua própria casa, por ordens de Saraminda, que não perdeu a oportunidade de ir visitar o francês e apresentar para ele as belezas de seu corpo, mas sempre sem concretizar o ato. Kemper, então, já não pensava mais em voltar para a França, pois estava igualmente enfeitiçado por Saraminda, assim como Bonfim ficara desde o dia em que ela quis

os 10 quilos de ouro para poder deitar com ele.

Desconfiado das atitudes da esposa com relação à Kemper, Bonfim chama uma cigana para lhe dizer do futuro do garimpo e de Saraminda. A cigana diz: “Seu Bonfim, o senhor nasceu em Cambetá, tem o dom do ouro, mas recebeu um diabo fêmea. Vejo uma navalha de ouro. Ela vai salvá-lo. Tem coisa mais longe do que o senhor pensa” (SARNEY, 2014, p. 211). Atormentado pelo ciúme, Bonfim decide acabar com sua sina. Uma noite, ao ouvir o galo cantar três vezes, ele sabia que seria a hora certa. Entrou no quarto, Saraminda dormindo. Bonfim a contemplou, chorou, ajoelhou-se ao lado de sua cama, ergueu e desceu a navalha de ouro. Este é outro mistério da obra: não se sabe o que aconteceu. Se Cleto Bonfim matou Saraminda, se matou a si mesmo ou se matou os dois. Em nenhum momento da obra, o fantasma de Bonfim conta como foi a sua morte. A única coisa que se sabe é que, naquele momento, o céu encheu-se de nuvens pretas e choveu por três dias e três noites sem parar. O ouro simplesmente desapareceu, tudo ficou seco. Sem ouro e sem notícias de Bonfim e de Saraminda, as pessoas vão indo embora do garimpo.

Kemper morreu antes de Saraminda, de uma febre forte, provavelmente provocada por malária. Seu espírito tomou um navio de volta para Paris, de onde ele tinha vindo. Ao desembarcar no porto depois de muitos meses, encontra o fantasma de Saraminda.

O romance “Saraminda”, de José Sarney, é uma grande obra da literatura brasileira. Seu vocabulário poético, os mistérios envolvendo os personagens e o que aconteceu com eles, além da rica contextualização histórica e geográfica permitem considerar este livro uma obra-prima. A contra-capá da última edição, pela Editora Leya, traz uma mensagem de Carlos Heitor Cony, que diz: “Um contraponto de Iracema? Uma Capitu que provoca dúvida e é justificada pelo dono de sua carne? Um pouco de uma e de outra, num cenário inédito na ficção brasileira”. Também na contra-capá, Claude Lévi-Strauss diz:

José Sarney faz reviver os faiscadores de ouro de Caiena e do Amapá com a mesma sensibilidade aguada à realidade etnográfica permeada por um poderoso lirismo. Sarney reconstituiu ao mesmo tempo um episódio esquecido, mas saborosamente pitoresco das relações da França com o Brasil.

Por fim, na orelha do livro, um texto da ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, Nélida Piñon, diz que “em torno dessa figura arquetípica [Saraminda] decifram-se as minúcias da realidade, a tragédia do ouro, do amor inóspito e solitário dos homens, a geografia, que junto ao álcool e às paixões, fabricam sentimentos desapiedados”.

O site oficial do ex-presidente José Sarney relata que, para a escrita deste livro, foi preciso “um enorme trabalho de pesquisa que inclui a exploração do centro histórico de Caiena e o conhecimento da história do Amapá e do Contestado entre a França e o Brasil, na Questão de Fronteira vencida pelo Barão do Rio Branco em Genebra”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra Saraminda, de José Sarney, constitui um enredo que mistura eventos históricos com romance, pontas de erotismo, mistério e erudição, despertando a curiosidade e, ao mesmo tempo, fornecendo informações acerca da história, da geografia e do contexto social da Caiena do século XIX, bem como do contexto político das relações envolvendo o Contestado Franco-Brasileiro, abordando um acontecimento da história pouco lembrado nas escolas, na imprensa e até mesmo nas universidades, podendo ser, sem dúvidas, considerada uma grande obra da literatura nacional.

Em virtude da rica contextualização histórica e geográfica entre esses eventos marcantes na relação entre Brasil e França que perduraram durante mais de 200 anos, o livro de José Sarney pode ser utilizado como um instrumento didático alternativo em sala de aula no ensino médio, uma vez que nos últimos tempos, pesquisadores da educação têm buscado outras alternativas que não sejam as já saturadas metodologias tradicionais, decorativas, onde o aluno é apenas o mero receptor do conhecimento. Buscando quebrar esse paradigma e envolver o aluno de forma mais ativa no processo de ensino-aprendizagem, o uso de instrumentos do cotidiano são fundamentais para tornar o conteúdo mais atrativo, tornando a aprendizagem mais eficaz, como é o caso de livros, romances, poesias, músicas, imagens, filmes. De maneira lúdica, Saraminda pode despertar a curiosidade acerca do episódio envolvendo o Contestado Franco-Brasileiro e abrir caminho para a interdisciplinaridade entre a literatura, a história e a geografia, construindo o conhecimento de forma integrada.

REFERÊNCIAS

ALVES, Débora Bendocchi. **Releitura dos acontecimentos na fronteira Grão-Pará-Guiana Francesa entre 1835 e 1841**. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis/SC, 27 a 31 de julho, 2015.

BALDUS, Wolfgang. **Os selos postais da República da Guiana Independente: República do Cunani: Nativos da Amazônia**. Tradução de Ana Luíza Barros de Almeida. Brasília: Senado Federal: Conselho Editorial, 2019.

GRANGER, Stéphane. **O Contestado Franco-Brasileiro: desafios e consequências de um conflito esquecido entre a França e o Brasil na Amazônia**. Revista Cantareira, edição 17, dezembro-julho, 2012.

LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, Dayse Marinho. **Das trevas da ignorância à civilização: os Capuchinhos e a educação pela fé na França Equinocial (1612-1615)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual do Maranhão, curso de História. São Luís/MA, 2008.

OLIVEIRA, Emellin Layana Santos de. **O Contestado Franco-Brasileiro: os tratados sobre o limite territorial entre o Amapá e a Guiana Francesa**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Ceará, curso de Direito. Fortaleza/CE, 2002

ROMANI, Carlo. **Um eldorado fora de época: a exploração dos recursos naturais no Amapá**. Projeto História (Online), v. 42, p. 271-302, 2011.

SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. **Diferentes linguagens na educação geográfica da cidade do Rio de Janeiro**. Revista Continentes (UFRRJ), ano 1, nº 1, 2012.

SARNEY, José. COSTA, Pedro. **Amapá: a terra onde o Brasil começa**. Brasília, Senado Federal: Conselho Editorial, 2ª edição, 2004.

SARNEY, José. **SARAMINDA**. São Paulo: LEYA, 2014.

TANZI, Héctor José. **O Tratado de Tordesilhas e sua projeção**. Revista de História (USP), v. 54, nº 108, 1976.